

**HIPGNOSIS: A REVOLUÇÃO CONTRACULTURAL E O DESIGN DE CAPAS DA BANDA PINK FLOYD
(1968 - 1973)**

***HIPGNOSIS: THE COUNTERCULTURE REVOLUTION AND THE ALBUM COVER DESIGN FOR THE
BAND PINK FLOYD (1968-1973)***

Rafaela Medeiros Couto¹

Paula Garcia Lima²

Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo o design de álbuns musicais elaborados pelo estúdio de design Hipgnosis, para a banda *Pink Floyd* - do ano de 1967 a 1973 - de modo a estabelecer uma relação entre a produção musical da banda e a produção gráfica das capas, com ênfase em uma contextualização histórica. A partir do estudo do contexto em que a banda *Pink Floyd* surgiu, tanto no âmbito sócio-político - em meio ao movimento contracultural da década de 1960 - quanto nas artes e no design, juntamente com a análise das capas criadas pelo estúdio Hipgnosis, foi possível entender as referências e ideais trabalhados, apresentando conceitos, técnicas e ferramentas utilizadas pelos designers Aubrey Powell e Storm Thorgerson na criação de capas de álbuns internacionalmente reconhecidas até os dias atuais. Como resultado, através das informações que foram organizadas, como resultado, concluiu-se que é possível, traçar relações históricas importantes entre o conteúdo visual das capas e a produção musical dos seus respectivos álbuns, considerando o contexto estético e ideológico da contracultura na década de 1960.

Palavras-chave: design; capas de álbuns; *Pink Floyd*; *hipgnosis*; contracultura.

Abstract

The present article has as object of study the design of musical albums elaborated by the design studio Hipgnosis, for the band *Pink Floyd* - from the year 1967 to 1973 - in order to establish a connexion between the band's musical production and the graphic production of the covers, with an emphasis on historical contextualization. From the study of the context in which the band *Pink Floyd* emerged, both in the socio-political sphere - amid the countercultural movement of the 1960s - as well as in the arts and design, along with the analysis of the covers created by the Hipgnosis studio it was possible to understand the references and ideals used, presenting concepts, techniques and tools used by the designers Aubrey Powell and Storm Thorgerson to create internationally recognized album covers to this day. As a result, through the information that was organized, it was concluded that it is possible to trace an important historical connexion between the visual content of the covers and the musical production of their respective albums, considering the aesthetic and ideological context of the counterculture in the 1960s.

Keywords: design; album covers; *Pink Floyd*; *hipgnosis*; counterculture.

¹ Graduada em Design Digital, UFPel, Pelotas, RS, Brasil, rafamedcouto@gmail.com; ORCID: 0000-0003-4602-2902.

² Professora Doutora, UFPel – Centro de Artes – Colegiado dos cursos de Design, Pelotas, RS, Brasil, paulaglima@gmail.com; ORCID: 0000-0001-8845-9737.

1. Introdução

A década de 1960 foi um período no qual valores e normas de comportamento tradicionais e de longa data passaram a ser questionados e quebrados, principalmente entre os jovens. Muitos homens e mulheres, em idade universitária, tornaram-se ativistas políticos e atuaram como a força motriz por trás de protestos que tinham como principais temas a segregação racial, pobreza generalizada, poluição ambiental causada pela rápida industrialização, os direitos civis e a misoginia. Os jovens também lutavam pela liberdade de expressão e liberdade de reunião (SUTHERLAND, 2014).

Uma das teorias que guiaram a revolução cultural da época, foi a de Herbert Marcuse, um dos mais importantes filósofos da escola de Frankfurt, na Alemanha, a qual se refere a um conjunto de estudiosos conhecidos por desenvolver a Teoria Crítica e popularizar o método dialético de aprendizado, interrogando as contradições da sociedade (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2019). Suas críticas à sociedade capitalista muito influenciaram os movimentos estudantis contraculturais dos anos de 1960. Segundo Marcuse, a partir da racionalidade tecnológica imposta pela sociedade industrial, impede-se qualquer visão que questione o sistema capitalista de consumo. O homem que se encontra inserido nessa sociedade “artificial” não é livre, ao contrário, é apenas mecânico. Diante da satisfação de necessidades falsas, criadas pelo consumismo, o homem deixa de contestar o sistema e, dessa forma, não há qualquer tipo de manifestação revolucionária individual. Doravante, instala-se a chamada “mecânica do conformismo” (MARCUSE, 1972).

Para muitos, a rejeição do conformismo significava a renúncia dos códigos ou normas da sociedade por meio do consumo de substâncias que alteram a mente, o desprezo da moralidade religiosa dominante, a busca pelo prazer e o ativismo político. O movimento contracultural levou ao desenvolvimento de uma rica paleta de tendências artísticas, como a psicodelia na arte, música e design. O rock psicodélico caracterizou-se pela liberdade de forma - espetáculos polifônicos, instrumentos exóticos, a influência do jazz, composições poéticas, místicas, visionárias entre outros aspectos. Todas essas características encontraram seu reflexo também nas artes visuais - pôsteres e capas de álbuns das décadas de 1960 e 1970 podem ser facilmente reconhecidos pelo uso de cores vivas e chamativas, contrastes intensos, abundância de elementos e tipografia fluída (SUTHERLAND, 2014).

Embora pareça que um álbum musical esteja centrado apenas na música, a arte que compõe sua capa tem grande impacto na apresentação do produto ao público. Sendo assim, o design e a música devem se unir para criar uma capa que sirva como um portal para o que o ouvinte pode esperar de um álbum. O design de capas de álbuns tem grande importância na história de muitos músicos e bandas, afinal, é uma ótima oportunidade para causar uma boa primeira impressão ao consumidor.

Antes da era digital, a música só podia ser comprada em formato físico e, portanto, a embalagem e a apresentação de um álbum eram vitais para garantir seu sucesso comercial, como comentam Jones, Sorger (1999) baseados em Dean, Howells (1982):

Quando Johnny Rotten do *Sex Pistols* proclamou, “Se as pessoas comprassem os discos pela música, isso (a indústria de vinis) teria morrido há muito tempo” (DEAN, HOWELLS, 1982: p. 23), ele ilustrou a importância e o poder que as pessoas colocam na “aparência da música” (DEAN, HOWELLS apud JONES, SORGER, 1999, p. 1, tradução nossa).

O designer tinha um espaço de 12 x 12 polegadas³ para criar uma peça que atrairia os ouvintes a tirarem o álbum da prateleira para examiná-lo com mais atenção, aumentando as chances de decidir realizar a compra. Na década de 1970, pode-se analisar inúmeros trabalhos fascinantes de designers que ajudaram a tornar as capas que produziram ícones da música. Os designers Storm Thorgerson e Aubrey Powell foram responsáveis pela criação de todo o material gráfico da banda britânica de rock progressivo *Pink Floyd*, por meio do estúdio de arte e design intitulado *Hipgnosis*, fundado em 1968. A *Hipgnosis* foi responsável pela criação de capas marcantes na história do design e da música, e por trás dela, Thorgerson e Powell transformaram a indústria de vinis numa época em que a capa era quase tão importante quanto o disco. Segundo Powell (2017, p. 22): “Quanto maior a banda se tornava, mais atenção se dava à capa do álbum. A embalagem do vinil se tornou uma grande parte da indústria musical.”

Além do sucesso comercial, o *Pink Floyd* foi um ícone da luta social por um mundo mais igualitário, baseado em uma postura política que questiona a imersão do ser humano em um mundo sistemático, que glorifica a guerra e é movido pelo consumismo. O fato de ter sido fundada no cenário musical dos anos 1960, em meio a influências políticas da contracultura na Inglaterra, fizeram desta banda uma experiência musical política que marcou mais de uma geração (THORGERSON, 1997).

Além do gosto pessoal da autora que, desde criança, é fascinada pelo universo da música e, principalmente, pela banda *Pink Floyd*, a preferência por estudar as capas dessa banda específica explica-se pela relação íntima da *Hipgnosis* com os integrantes, desde sua fundação. O que impulsionou a realização deste trabalho foi estudar os processos de design e fotografia utilizados na década de 1960 e 1970, apresentando conceitos, técnicas, ferramentas e ideias utilizadas pelos designer Storm Thorgerson e Aubrey Powell, para elaborar as capas dos álbuns da banda - entre 1967 e 1973 - de modo a observar a importância desses no contexto estético e ideológico da contracultura na década de 1960, estabelecendo uma relação entre a produção musical da banda e a produção gráfica das capas, com ênfase em uma contextualização histórica. O recorte de tempo proposto engloba a produção do material gráfico para a banda desde sua fundação até o ápice de seu sucesso, com o lançamento do álbum *The Dark Side of the Moon*, em 1973. Justifica-se esse recorte pelo interesse da autora em pesquisar como funcionavam os processos de design e fotografia utilizados pela *Hipgnosis* em seus anos iniciais, quando não haviam muitos recursos disponíveis aos designers - se comparado ao período em que a banda *Pink Floyd* e a própria *Hipgnosis* já eram um sucesso mundial - buscando explorar os processos analógicos e experimentais utilizados pelos designers fundadores do estúdio.

Este trabalho pauta-se em uma pesquisa qualitativa, que estuda as particularidades e experiências do objeto. A partir de um levantamento bibliográfico baseado na análise de fontes secundárias como livros, artigos, documentos monográficos e outros, procura-se analisar e entender os métodos de design gráfico e fotografia utilizados, principalmente, pelos designers Storm Thorgerson, como documenta no livro “*Mind Over Matter: The images of Pink Floyd*” (THORGERSON, 1997), e o designer Aubrey “Po” Powell no livro “*Vinyl, Album, Cover, Art: The Complete Hipgnosis Catalogue*” (POWELL, 2017) para produzir o material gráfico da banda *Pink Floyd*.

O presente texto divide-se em dois tópicos: O primeiro trata da cultura nas décadas de

³ 30,48 x 30,48 centímetros.

1960 e 1970, apresentando questões políticas desse momento, como a revolução contracultural, relacionando com a música e a arte desse período, que deu origem à banda Pink Floyd. O segundo tópico foca no design nas décadas de 1960 e 1970, principalmente nas capas de álbuns produzidas para o *Pink Floyd*, desde sua origem, até o álbum *The Dark Side of the Moon*, que marca o ápice do sucesso da banda. Apresenta-se um breve histórico do surgimento do estúdio *Hipgnosis*, bem como uma contextualização das referências utilizadas para a construção das capas para *Floyd*.

Para melhor compreender os significados das peças gráficas apresentadas neste trabalho, é preciso entender o contexto sócio-histórico em que a sociedade estava inserida, conforme discorre-se abaixo.

2. Pink Floyd e a Contracultura

O filósofo alemão Herbert Marcuse, cujas teorias marxistas e freudianas da sociedade ocidental do século 20 foram muito influentes nos movimentos estudantis da década de 1960, viveu em um período no qual a sociedade refutava as previsões de Marx sobre o colapso da ordem capitalista. Após uma diminuição nos antagonismos de classe e uma melhora no padrão de vida do trabalhador, poucos questionavam as demandas do sistema capitalista (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2019).

No entanto, Marcuse afirma que as contradições do capitalismo ainda existem, sendo o trabalho exigido pelo sistema excessivamente degradante e insatisfatório. Segundo o filósofo, o povo foi pacificado pelo excesso de bens de consumo e pelos meios de comunicação que proporcionam diversões pouco exigentes durante seu tempo de lazer, assim, os estímulos imediatos para a revolta foram removidos e suas vidas são manipuladas por burocracias pessoais que afetam todos os aspectos de sua existência (MARCUSE, 1972).

Para combater o conformismo, Marcuse sugere que as artes devem romper com o classicismo e com a estética da sociedade burguesa. Seu ideal de arte contracultural assemelha-se às transformações e transgressões idealizadas em movimentos artísticos como pop art, surrealismo e dadaísmo. A ideia de liberdade do autor aproxima-se das vanguardas citadas, as quais também ocorrem em contraposição à estrutura da totalidade compreendendo que, mesmo fazendo parte desta realidade, a arte possui a capacidade de transgredir o artificialismo imposto pelo sistema. Em sua obra, Marcuse explica as condições da revolução cultural, e exemplifica como a arte se dá nesse cenário:

Sem solo ou base na sociedade, a revolução cultural surge como uma negação abstrata e não como a herdeira histórica da cultura burguesa. Não sendo carregada por uma classe revolucionária, ela busca apoio em duas direções diferentes e até contrárias: por um lado, tenta dar palavra - imagem - dar um tom ao sentimentos e necessidades das "massas" (que não são revolucionárias); por outro lado, elabora anti-formas constituídas pela mera atomização e fragmentação de formas tradicionais: poemas que são simplesmente prosa comum dividida em versos, pinturas que substituem o meramente técnico por organização de partes e peças para qualquer significativo, música que substitui o altamente "intelectual", "de outro mundo" da harmonia clássica, por uma polifonia aberta, altamente espontânea (MARCUSE, 1972, p. 93, 94. tradução nossa).

Na música, o movimento contracultural é frequentemente associado a sons e

espetáculos polifônicos que estimulam a mente e vão além do que a sociedade entende como norma. As apresentações de bandas de rock psicodélico foram um meio para alcançar esse “sentido expandido”. Uma razão pela qual o movimento da contracultura e as bandas de rock psicodélico andavam de mãos dadas, era pela crença em semelhantes ideias de paz e liberdade, e as performances musicais passam a incorporar esses ideais (SUTHERLAND, 2014).

Surgindo em meados de 1966, o rock psicodélico tornou-se a trilha sonora do movimento *hippie*, sendo inicialmente centrado na costa oeste dos Estados Unidos. O gênero se espalhou por São Francisco, e, rapidamente, pelo o resto do país até que chega a Europa, tornando-se o principal fenômeno do rock do final dos anos 1960. Na Grã-Bretanha, os pioneiros do rock psicodélico criam músicas repletas de surrealismo, menos agressivas e minimalistas, quando comparadas aos seus colegas americanos (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2015).

Em 1965, Syd Barrett e Roger Waters se conhecem no meio acadêmico de Cambridge, e convidam um percussionista experimental e um tecladista extraordinário - Nick Mason e Rick Wright, respectivamente - a participar do seu projeto, formando a banda *Pink Floyd* (THORGERSON, 1997). Ao vivo, a banda apresentava “surto sonoros”, incorporando espetáculos de luzes e projeções. Já no estúdio, tocavam de forma um tanto mais tradicional, ainda que pertencendo ao gênero psicodélico e progressivo. De qualquer forma, suas composições são comparadas a “viagens da mente”, no sentido de transportar o ouvinte para longe do mundo real. Essa era a intenção dos integrantes da banda, principalmente de Syd Barrett que, certamente, fazia uso de LSD e outras drogas psicoativas - comportamento que, infelizmente, acabou causando sérios danos à sua frágil saúde mental, alguns anos depois (POWELL, 2017).

Entretanto, a imaginação visionária de Syd Barrett, persegue com entusiasmo a ética do rock psicodélico, unindo exploração e experimentação musical para compor o primeiro álbum da banda, *The Piper at the Gates of Dawn*, de 1967. Exuberante, hipnótico e inovador - segundo a crítica - o álbum alcançou sexto lugar, dentre os álbuns mais vendidos no Reino Unido. Storm Thorgerson, cofundador da *Hipgnosis*, comenta sua experiência e opinião sobre a década de 1960 e a revolução contracultural:

(...) Parece, no entanto, na minha visão, sem piscar os olhos, que a década de sessenta era tudo o que foi considerada ser, e muito mais. A revolução do “amor” foi consolidada por uma relativa riqueza, sustentada por drogas e liderada por artistas como *The Doors*, *The Beatles*, Bob Dylan e, espere por isso, *Pink Floyd*. Talvez a principal diferença tenha sido a expansão. Os anos sessenta pareceram um evento mundial, de Londres a São Francisco (STORM THORGERSON, 1997, p. 20, tradução nossa).

O impacto da contracultura na indústria da música é imensurável. Muito do que é produzido nos dias de hoje, vem de influências da experimentação e dos novos gêneros musicais surgidos na década de 1960. Os integrantes da revolução contracultural fizeram uso da música como uma maneira pacífica e eficaz de protestar, pois, ao reagir aos eventos do dia a dia e às condições históricas da época - usando estratégias musicais e líricas não conformistas - os “artistas psicodélicos” abriram novas possibilidades musicais, particularmente no que diz respeito à forma e função tradicionalmente esperada e aceita na indústria fonográfica. A música contracultural, como a de *Floyd*, foi moldada pelo seu momento sócio-histórico - a revolução cultural da década de 1960 - mas igualmente, por fim, moldou esse momento (THORGERSON, 1997).

No próximo tópico, são apresentados alguns ideais estéticos da revolução contracultural, o contexto da formação do estúdio de design *Hipgnosis*, e seu trabalho para a banda *Pink Floyd*, desde sua fundação até o ápice de seu sucesso em 1973, com o álbum *The Dark Side of the Moon*.

3. A Arte Psicodélica, a Hipgnosis e as Capas do Floyd

Junto à revolução contracultural, a psicodelia influencia, não apenas a música, mas muitos aspectos da cultura popular. Isso inclui o modo de vestir-se, a linguagem e a maneira como as pessoas falam, a arte, a literatura e a filosofia. Nesse cenário, surge a arte psicodélica, da qual os principais atributos são temas fantásticos, padrões espirais e caleidoscópicos, cores vivas, detalhamento extremo e tipografias curvilíneas (MEGGS, 2005). As capas de álbum influenciadas pela arte psicodélica passam a representar, junto da música, uma experiência audiovisual completa, como aponta Jones e Sorger:

Capas psicodélicas, com sua complexidade e pandemônio visual reminescente da música que empacotavam, eram uma parte ativa da "aventura" musical geral. A capa e o disco juntos funcionaram como uma espécie de experiência audiovisual completa. Era uma questão de "entrar" tanto na música quanto na capa, com ou sem ajuda de drogas. (JONES, SORGER, 1999, p. 77, tradução nossa)

Essa estética foi importante para a cultura revolucionária da época, já que destoava completamente da arte tradicional aceita pela sociedade, assim como o rock psicodélico. A quebra com o padrão estético - anterior à contracultura dos anos 1960 - foi necessário pois desafiou a sociedade com seu conteúdo, que visa questionar os padrões culturais e avançar para uma maneira mais moderna de pensar.

A banda *The Beatles* foi uma das primeiras a incorporar elementos do rock psicodélico, em seu álbum intitulado *Revolver*, de 1966 e, posteriormente, no álbum *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, de 1967. Nesse período, a banda funde a improvisação e experimentação sonora para criar músicas que, em muitos casos, refletem a influência de drogas, como o LSD, enquanto as letras abordam temas como a morte e a transcendência de preocupações materiais, além de incorporar instrumentos inusitados, como a cítara - instrumento de origem indiana que George Harrison incorpora em algumas canções da banda no período. A embalagem de *Sgt. Peppers Lonely Heart's Club Band* (Figura 1) revolucionou o design de capas da época, e serviu de inspiração a muitos outros músicos, bandas e designers - inclusive para a *Hipgnosis* e o *Floyd*. Foi o primeiro álbum a conter o envelope interno ilustrado, as letras das músicas impressas e um cartão com recortes trazendo elementos da *pop art* e da fotomontagem, como comenta Jones, Sorger (1999):

Como Walter Everett observou: "Em vez de depender do Departamento de arte da EMI, os Beatles assumiram a capa e, através de um amigo de McCartney, Robert Fraser, contratou-se uma equipe de designers pop e fotógrafos para inovar". Como em outras áreas da música popular nos anos 1960, os Beatles abriram novos caminhos; dali em diante mais e mais bandas ganharam o controle do design gráfico nas embalagens de suas músicas (JONES; SORGER, 1999, p. 76-77, tradução nossa).

Figura 1: Elementos do álbum *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band, The Beatles, 1967*.



Fonte: popsike.com

Voltando-se para produção de capas para o *Pink Floyd*, os designers Storm Thorgerson e Aubrey Powell foram responsáveis pela produção do material gráfico da banda desde o início, quando o cofundador Syd Barrett ainda era integrante. Em agosto de 1967, *Pink Floyd* lança seu álbum de estreia: *The Piper at the Gates of Dawn*. Na época, Syd Barrett era vocalista, guitarrista e foi responsável pela composição da maioria das canções do álbum. Barrett, antes dos outros membros da banda - antes mesmo de Storm e Powell - já se interessava por pintura e *The Beatles* e, inclusive, criou a arte da contracapa.

A capa do álbum foi fotografada por Vic Singh que, possivelmente, através de múltipla exposição na própria câmera, capturou os integrantes da banda, criando um efeito psicodélico parecido com o de um caleidoscópio (THORGERSON, 1997). Thorgerson faz algumas considerações sobre a capa e a estética da banda em seus anos iniciais:

A imagem é direcionada de forma a evocar a sensibilidade contemporânea - um aceno na direção da psicodelia - e fornece um senso dos adoráveis cortes de cabelo "tigela" (depois dos *Beatles*), como Nick (Manson) gosta de chamar de "early Floyd", bem como das tendências de estilo da época, em jaquetas florais e gravatas. O *Floyd* provavelmente estava muito empolgado com o estrelato para terem feito uma contribuição considerável (na imagem da capa). Vic Singh, onde você está agora, para nos contar a verdadeira gênese desta peça? (THORGERSON, 1997, p. 16, tradução nossa).

No final do ano de 1967, a banda já tinha parte do material para o seu próximo álbum "*A Saucerful Of Secrets*" e precisava de auxílio para projetar a capa. Concomitantemente, com o crescente sucesso da banda, os problemas de Syd Barrett com sua saúde mental agravavam-se e, somado ao consumo excessivo de drogas, o comportamento de Syd se tornou imprevisível, o que resultou na sua expulsão em 1968, como relembra Thorgerson (1997):

No final de 1967, perguntaram-me se eu tinha alguma pista do porquê de Syd "sair dos trilhos", e o que o resto deles poderia fazer sobre isso, e se eles

deveriam contratar David Gilmour para substituir Syd, e como é horrível, de qualquer maneira, lidar com todo esse tumulto emocional. Eu não acho que fui muito útil em nada disso, mas quando outro amigo falhou em fazer a capa de *Saucerful of Secrets*, ofereci meus serviços. Eles foram mais úteis nesse aspecto do que em qualquer função de aconselhamento. Eu não sabia muito sobre design, mas sabia ainda menos sobre mentes desequilibradas e as ambições de uma banda de *rock'n'roll* (THORGERSON, 1997, p. 20, tradução nossa).

Figura 2: Capa do álbum *The Piper at the Gates of Dawn*, Pink Floyd, 1967.



Fonte: <https://genius.com/albums/Pink-floyd/The-piper-at-the-gates-of-dawn>

Desse momento em diante, Thorgerson e Powell se unem para elaborar o design do álbum, dando início ao que se tornaria a Hipgnosis, alguns meses depois. Para a capa de *Saucerful*, os referidos designers conciliaram vários elementos que, além de remeterem ao conceito de “rock espacial⁴” que vinha sendo atribuído à banda, faziam referência a alguns interesses da contracultura na época, como alquimia, linhas de Ley (supostos alinhamentos

⁴ Rock espacial foi um conceito atribuído a banda Pink Floyd pelos seus ouvintes, principalmente nos primeiros álbuns lançados. Entende-se como um conjunto de referências, como efeitos sonoros, visuais, e as próprias letras das músicas, que dão a sensação ao ouvinte de escutar o espaço sideral.

entre vários lugares de interesse geográfico e histórico), drogas e astronomia. Aubrey Powell documenta como a capa foi projetada:

Storm e eu encontramos uma gravura chamada *Inner Garden Fountain*, em um livro sobre alquimia. O (personagem) *Dr. Strange* e os planetas desenhados e alinhados vieram dos quadrinhos da Marvel, e a pintura de uma série de garrafas, de um antigo livro farmacêutico. Tentei várias configurações das imagens na sala escura (laboratório de fotografia) e, expondo as fotos em momentos diferentes, se criou uma montagem. Fizemos uma sessão de fotos com a banda em *Hampstead Heath*, usando filmes infravermelhos. A gravadora insistiu que a banda deveria aparecer de alguma forma. A capa parecia monótona em preto e branco com apenas uma pequena foto colorida do grupo, então fizemos nossa primeira tentativa de pintar à mão. O título foi criado esfregando Letraset na imagem (POWELL, 2017, p. 38, tradução nossa).

Figura 3: Capa do álbum *A saucerful of Secrets*, Pink Floyd, 1968.



Fonte: <https://roadie-metal.com/roadie-metal-cronologia-pink-floyd-a-saucerful-of-secrets-1968/>

Thorgerson apresenta algumas considerações sobre as bandas que faziam sucesso na época, e como o cenário musical expandia-se para novos caminhos, revelando um conceito de música que envolve todos os sentidos. Conseqüentemente, o design de capas buscava honrar a música, para que servisse como uma representação visual do que o ouvinte deve esperar do disco.

A música de *Floyd*, junto *Beatles*, *Dylan* e (bandas) da *West Coast* (Califórnia), estava abrindo novos caminhos, ampliando limites, alterando

percepções. Tente ouvi-la e você também poderá achar revigorante. Eu certamente achava, e tentei ao máximo incorporá-la no design das capas, nada a menos na criação de *Saucerful* (THORGERSON, 1997, p. 22, tradução nossa).

E então, a *Hipgnosis* nasceu com o *Floyd*. Como estudantes de cinema e artes, Thorgerson e Powell puderam usar o laboratório de fotografia do *Royal College of Arts*, em Cambridge, porém, quando concluíram o curso, tiveram que montar suas próprias instalações. No ano de 1968, os fundadores do estúdio construíram um pequeno laboratório improvisado, no banheiro da casa de Powell.

Em 1969, Barbet Schroeder, um diretor francês de origem suíça, contratou a banda para escrever e gravar a trilha sonora de seu filme, intitulado *More*⁵. O álbum, que partilhou do mesmo título, foi lançado no ano de 1969 e, sobre o design de sua capa, Thorgerson comenta:

A capa finalizada certamente deveria ter sido melhor. Ela tem alguma relação com o filme, pois exibe um excesso, pelo menos de cor. Powell e eu não tínhamos confiança para sugerir outra coisa senão usar cenas do filme e, a imagem mais sugestiva, foi a de um moinho de vento em Ibiza (THORGERSON, 1997, p. 26, tradução nossa).

Figura 4: Capa do álbum *More*, Pink Floyd, 1969.



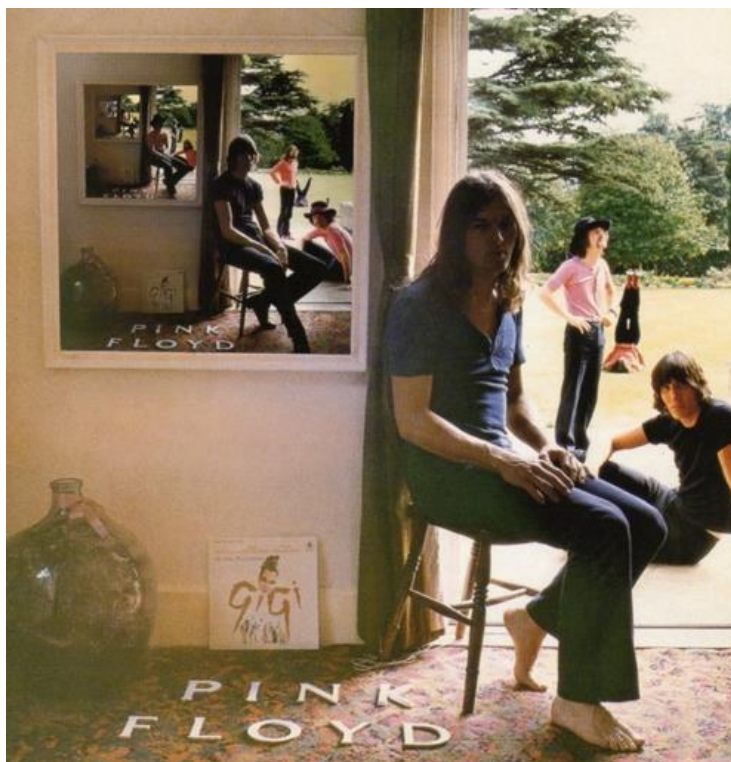
Fonte: <https://www.aqualungrecords.com.br/pagina-de-produto/pink-floyd-more-lp>

⁵ *More* lida com o vício em heroína e o fascínio por drogas de diversos tipos, na ilha de Ibiza, na Espanha. Tendo sido filmado no cenário político da contracultura dos anos 60, o filme apresenta experimentação com o uso de drogas, o "amor livre", e outras referências à cultura jovem européia.

Ainda em 1969, *Pink Floyd* lança seu último álbum da década, intitulado *Ummagumma*. Trata-se de um álbum duplo, sendo um dos discos gravado ao vivo, e o outro de estúdio. O design de sua capa conta com uma série de fotografias retratando os membros da banda, posicionadas repetidamente, uma dentro da outra. Thorgerson acreditava que, o que separava o *Pink Floyd* do resto das bandas, era sua complexidade. Sua música possuía várias camadas, com níveis de significado mais profundos do que as de muitos outros artistas da época, e isso seria refletido na capa de *Ummagumma*, por meio da sobreposição de imagens (POWELL, 2017). Em sua obra, Powell revela o processo utilizado para a criação dessa capa:

Storm e eu fotografamos juntos, usando uma câmera *Rolleiflex* 6x6 antiga e fotografando em negativo. Apesar de uma arte final desajeitada de colagens mal cortadas, esse design funcionou bem. A empresa de gravação estava na lua: produzimos uma capa com fotos do *Pink Floyd*, uma banda que raramente era fotografada. Mas por que a trilha sonora de *Gigi*? Apenas para preencher um espaço. E por que as letras de poliestireno no chão? Nós éramos péssimos em gráficos, então letras recortadas prontas pareceram uma solução prática (POWELL, 2017, p. 43, tradução nossa).

Figura 5: Capa do álbum *Ummagumma*, Pink Floyd, 1969.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ummagumma>

No início de 1970, os fundadores da *Hipgnosis*, finalmente, alugam um espaço em *6 Denmark Street*, Londres, com intuito de construir um estúdio próprio, equipado com um laboratório de fotografia mais avançado do que o improvisado, que costumavam utilizar na produção das primeiras capas para *Pink Floyd*. Nesse cenário, durante o início da década de

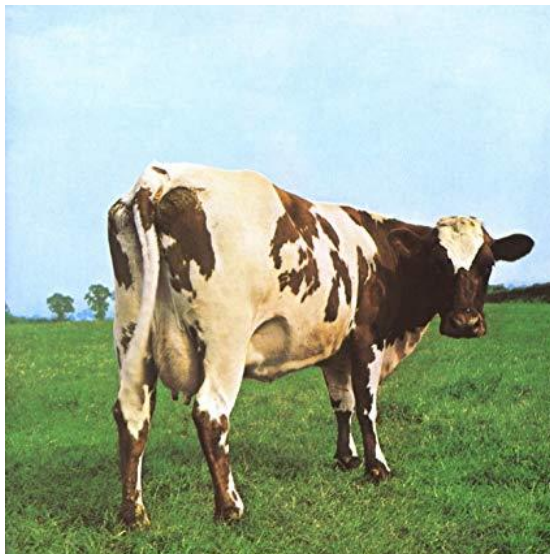
1970, a companhia ganha imenso sucesso, e passam a trabalhar com diversos artistas e bandas famosos até hoje, como *Electric Light Orchestra*, Olivia Newton John, *Led Zeppelin*, Al Stewart, *Wishbone Ash*, entre outros (THORGERSON, 1997).

Em outubro de 1970, *Pink Floyd* lança *Atom Heart Mother*, álbum que marcou uma fase de transição da banda, dos “reis” excêntricos da psicodelia inglesa, para a grandiosidade dos espetáculos polifônicos de rock progressivo, pelo mundo inteiro, nos anos seguintes. Segundo Powell (2017), essa capa se trata quase que de uma “anticapa” e, certamente, de uma capa “anticomercial”. Todavia, o álbum foi o primeiro - da banda - a alcançar o Nº 1 de vendas no Reino Unido, mesmo sem qualquer grafismo, como o nome “*Pink Floyd*” ou, sequer, o nome do álbum.

Ao olhar para as imagens, é possível admirar toda uma gama de atributos, como composição, luminosidade, textura, técnica e assim por diante. O que eu gosto aqui não é nenhuma dessas coisas, mas a atitude. Não há motivos assombrosos, iluminação dramática ou cenário evocativo: não há intenção cósmica, paisagens rodopiantes da mente, nem a simplicidade do tipo gráfico ou logotipo. Apenas uma vaca. Nenhuma declaração profunda e significativa. Sem psicodelia. Apenas uma vaca (STORM THORGERSON, 1997, p. 36, tradução nossa).

Apesar da afirmação, essa “negação de sentido” leva a um significado muito coerente com os ideais da banda em dado momento. Como apresentou-se no capítulo 1, *Pink Floyd* surge no cenário da revolução contracultural, o que continuou a ser uma das principais influências da banda, ao longo da década de 1970. Thorgerson declara, “Apenas *Floyd* podia encarar um “*não-Floyd*” (THORGERSON, 1997). Essa “anticapa”, aproxima-se muito dos ideais antiarte dadaístas, já que o Dadá é uma forma de anarquia artística, que desafia valores sociais, políticos e culturais. A falta de significado pode ser entendida como uma simples negação do que é comum, já que a banda estava imersa em um profundo modo experimental - como pode ser observado na música do álbum em questão - e possuía audácia o suficiente para fazer uma “declaração” ousada, mesmo sem declarar coisa alguma.

Figura 6: Capa do álbum *Atom Heart Mother*, *Pink Floyd*, 1970.

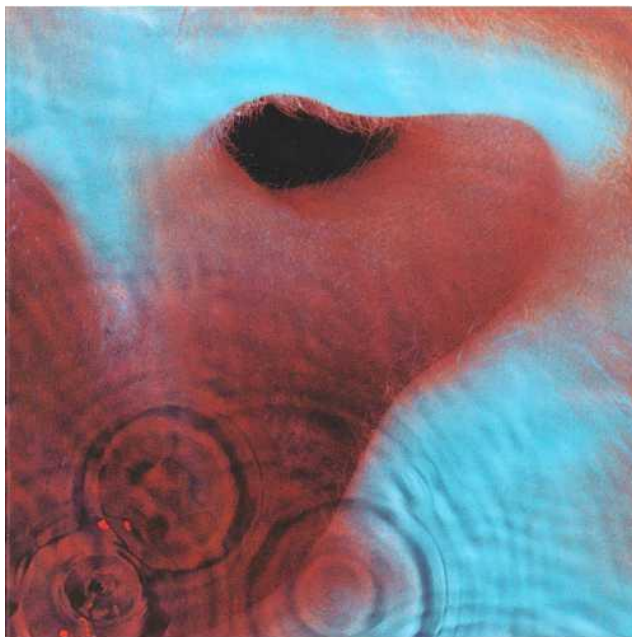


Fonte: <https://www.amazon.com.br/Atom-Heart-Mother-Pink-Floyd/dp/B004ZN9OTG>

O sexto álbum da banda é lançado em 1971, intitulado *Meddle*, no qual Pink Floyd passa a introduzir elementos que antecedem, e encaminham, ao conceito musical do extraordinário *Dark Side of The Moon*, lançado dois anos depois. A principal faixa do álbum, denominada *Echoes*, contém numerosas passagens instrumentais estendidas, efeitos sonoros - em grande parte ambiências - e improvisação musical. A faixa tem tempo de duração de 23:31 minutos, e ocupa, por inteiro, o lado B do disco.

A capa faz referência a forma como o som viaja - e *Pink Floyd* sempre foi sobre o som que viaja até o público, e o faz viajar nele - então, foi representado uma orelha debaixo d'água pois, nessas condições, o ouvido torna-se mais receptivo a ruídos agudos, que aparecem em diversas faixas do álbum como, por exemplo, no início da música *Echoes*. Tecnicamente, a capa apresenta uma sobreposição de duas transparências. Foi utilizada uma bandeja branca, cheia d'água, e adicionada uma gota de tinta azul, com auxílio de uma pipeta. No momento em que a gota forma uma onda circular, a fotografia foi clicada, e posteriormente superimposta a fotografia da orelha de uma modelo (POWELL, 2017).

Figura 7: Capa do álbum *Meddle*, *Pink Floyd*, 1971.



Fonte: <https://therocklife.rocks/2021/04/15/revisando-classicos-pink-floyd-meddle/>

Durante o início dos anos 1970, o *Pink Floyd* foi perseguido por diretores de teatro e cinema, para produzir trilhas sonoras para balés e filmes. Sua marca particular de "*space prog rock*⁶", como era chamada na imprensa musical britânica, era altamente original e tendia a uma sonoridade atmosférica, mais semelhante à música clássica do que, por exemplo, a música pop. Então, Barbet Schroeder, o mesmo diretor do filme *More*, pediu-lhes para gravar a trilha sonora do filme *La Vallée*⁷ (THORGERSON, 1997). Nessa ocasião, após o lançamento do

⁶ Rock progressivo espacial.

⁷ La Vallée conta a história de uma mulher francesa, Viviane, que faz uma viagem estranha e acidental de auto descoberta pelo mato da Nova Guiné.

filme, em 1972, Pink Floyd lança o álbum, de mesmas faixas, intitulado *Obscured By Clouds*.

O design da capa foi construído a partir de um *frame* do filme, porém, a imagem foi desfocada. Powell a descreve como “realidade obscurecida por uma simples virada na lente” (POWELL, 2017) fazendo referência ao título do álbum, que significa “obscurecido pelas nuvens”.

Figura 8: Capa do álbum *Obscured By Clouds*, Pink Floyd, 1972.



Fonte: <https://www.amazon.es/Obscured-Clouds-Gatefold-Vinilo-Floyd/dp/B01JYFHS5Q>

Desde meados de 1970, a banda já fazia sucesso mundial, e era conhecida pelos espetáculos polifônicos e efeitos de luz, que faziam parte de seus concertos. Sendo assim, a capa do álbum *The Dark Side Of The Moon* faz referência ao show de luzes produzido pela banda, representado pelo feixe de luz atravessando o prisma e quebrando-se em 6 cores. As cores índigo e roxo - que fazem parte do arco-íris - foram unidas propositalmente, já que havia a possibilidade das cores não serem lidas corretamente pela impressora. O prisma foi pintado com um aerógrafo, preto no branco, e invertido, enquanto as linhas foram desenhadas em preto, para posterior indicação de quais cores deveriam ser impressas (POWELL, 2017).

The Dark Side Of The Moon chegou ao topo da *Billboard 200*⁸, nos Estados Unidos, permanecendo durante 777 semanas - de 1973 a 1988 - sendo o álbum recordista de duração nessa parada (BILLBOARD, 2019). Storm Thorgerson questiona os possíveis motivos para o sucesso do álbum, descrevendo vários elementos da produção:

Então, o sucesso foi devido à qualidade da produção? Foram as músicas, o seguimento, o conceito geral? Foi a mistura criteriosa de melodia e efeitos,

⁸ Lista dos 200 álbuns mais vendidos a cada semana nos EUA.

atmosfera e ritmo poderoso? Foram guitarras majestosas e teclados em cascata? Foi porque *Dark Side* é o melhor testador estéreo de todos os tempos? Nem os especialistas, nem o próprio Floyd têm respostas conclusivas. Acho que deve ter sido a capa, afinal (THORGERSON, 1997, p.55, tradução nossa).

Figura 9: Capa do álbum *The Dark Side of the Moon*, Pink Floyd, 1973.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Dark-Side-Moon-180G-FLOYD/dp/B00536OCZA>

Após o grande sucesso do álbum, as turnês implacáveis de *The Dark Side Of The Moon*, que duraram por 18 meses seguidos, acabam abrindo os olhos dos integrantes para as armadilhas da fama e da indústria musical, que acaba sendo o tema principal de seu próximo álbum intitulado *Wish You Were Here* (THORGERSON, 1997). Deste ponto em diante, tanto o Floyd quanto a Hipgnosis estavam consolidados no mercado musical e, mais do que isso, já haviam produzido álbuns que são considerados ícones para a música e para o design gráfico até os dias de hoje. O estúdio continuou a trabalhar com diversos artistas e bandas até seu desmembramento em 1983, quando os designers decidiram seguir seus próprios caminhos separados.

O catálogo completo da Hipgnosis está disponível no livro *Vinyl, Album, Cover, Art: The Complete Hipgnosis Catalogue* (POWELL, 2017), o qual inspirou essa pesquisa e, definitivamente, é uma leitura obrigatória para os apaixonados por música, vinis e design de álbum, que gostariam de aprofundar seus conhecimentos nesse campo e conhecer mais sobre o trabalho do estúdio que, como apresentado, revolucionou o design de álbuns e a indústria musical.

4. Considerações Finais

Neste trabalho, conheceu-se mais sobre a contracultura dos anos 1960, a indústria fonográfica e sua relação com o design. Por meio do estudo do processo criativo utilizado pelos designers do estúdio *Hipgnosis*, foi possível perceber a importância de projetar um design de álbum que desafia os padrões da indústria, atraindo o consumidor pelo fator incomum, inusitado. Além disso, conhece-se mais sobre a banda *Pink Floyd* e sua relação com a *Hipgnosis*, contemplando os motivos presentes na composição dos oito álbuns de estúdio lançados pela banda, de 1967 a 1973.

O estudo mostrou que é fundamental entender o contexto no qual um objeto de design está inserido, pois entendem-se os produtos de design como respostas estéticas a dadas ideologias, crenças, modos de pensar e demandas de onde emergem. Sendo assim, foi de grande importância estudar a quebra dos valores e normas de comportamento tradicionais - que se deu na revolução contracultural da década de 1960 - e como a nova cultura afetou, não apenas a música, mas o modo de vestir-se, a linguagem, a arte, o design, a literatura, a filosofia, e diversas outras áreas.

A teoria de Marcuse que, em parte, guiou o pensamento contracultural, sugeria que as artes deveriam romper com o classicismo e com a estética da sociedade burguesa, de forma a combater a denominada “mecânica do conformismo”. Este pensamento influenciou a cultura jovem da época e, no âmbito musical, originou a ideia de espetáculos polifônicos que estimulavam a mente e iam além do que a sociedade entendia como norma, muito semelhantes aos concertos pelos quais a banda *Pink Floyd* é conhecida desde sua origem.

Além disso, o movimento contracultural deu origem a arte psicodélica, cuja estética foi importante para a cultura revolucionária da época, atuando em contraposição à estrutura da totalidade, compreendendo que a arte possui a capacidade de transgredir o artificialismo imposto pelo sistema. A quebra com o padrão estético - anterior à contracultura dos anos 1960 - foi necessário pois desafiou a sociedade com seu conteúdo, que visa questionar os padrões culturais e da indústria, como foi observado na produção gráfica das capas estudadas.

Finalmente, pode-se concluir que o design de um álbum musical é muito mais do que apenas uma embalagem para o disco, mas uma oportunidade de desafiar os padrões e estabelecer uma narrativa. As relações multimidiáticas e sinestésicas estabelecidas pelos álbuns do *Pink Floyd*, podem ser interpretadas de diversas perspectivas alternativas, acerca das questões aqui tratadas.

Referências

FRANKFURT SCHOOL. In Encyclopædia Britannica. 2019. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/topic/Frankfurt-School>> Acesso em: 5 Set, 2019.

JONES, Steve; SORGER, Martin. **Covering Music: A Brief History and Analysis of Album Cover Design**. Disponível em:
<https://www.academia.edu/16925877/STEVE_JONES_AND_MARTIN_SORGER_COVERING_MUSIC_A_BRIEF_HISTORY_AND_ANALYSIS_OF_ALBUM_COVER_DESIGN> Acesso em: 23 Jul, 2019.

LENNON, John; MCCARTNEY, Paul. **Lucy in the Sky with Diamonds**. Londres: Parlophone, 1967.

MARCUSE, Herbert. **Counter-revolution and Revolt**. 1972. Disponível em:
<https://monoskop.org/images/0/0b/Marcuse_Herbert_Counter-Revolution_and_Revolt.pdf>
Acesso em: 29 Jul, 2019.

MEGGS, Phillip B. **História do Design Gráfico**. 2005. Disponível em:
<<https://unaerpcomunicacao.files.wordpress.com/2018/05/historia-do-design-grafico-philip-b-meggs-e-alston.pdf>> Acesso em: 3 Set, 2019.

POWELL, Aubrey. **Vinyl . Album . Cover . Art** - The Complete Hipgnosis Catalogue. Londres: Thames & Hudson Ltd, 2017.

PSYCHEDELIC ROCK. In Encyclopædia Britannica. 2015. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/art/psychedelic-rock>> Acesso em: 1 Set, 2019.

SUTHERLAND, Thomas. **Counterculture, Capitalism, and the Constancy of Change**.
Competência: M/C Journal, Vol. 17, No. 6. UK. 2014. Disponível em:
<http://eprints.lincoln.ac.uk/24302/1/Counterculture_capitalism_and_the_consta.pdf> Acesso em: 29 Jul, 2019.

THORGERSON, Storm. **Mind over Matter / The images of Pink Floyd**. Londres: Omnibus Press, 1997.